Caderno do PIA

Programa de Interferência Ambiental

Ano 2, nº 5, outubro de 2005

Ministério da Cultura

Programação de novembro

Nos Meios da Arte Contemporânea

DATA	DESCRIÇÃO	LOCAL
	Semana de instalações	
10/11	"Faixa de Descalços" Floriana "Piso Apropriado" Diana Vaz	Canela/Campo Grande
11/11	"Pare" Desvio Para o Vermelho	Comércio
	Oficina	
14, 15, 17, 18/11	"Aspectos da Arte Pública" – trabalhos: "Arranque a etiqueta da sua roupa" PORO "Quem usa marca é boi" Fernando Lopes "Régua" GIA "Pornográfico" Caio e Milena" "Impedimentos" Marcos Martins (Batatinha)	Faculdade Jorge Amado – Paralela
	Semana de Performances	
24/11	"Justiça a um real" Manoel Marcelo Gomes "PIC NIC" GIA,	Fórum Ruy Barbosa – Nazaré
25/11	"Amor Andança" Klaus Schuenemann	Piedade

Informações:
producao@piacucaune.com.br

WWW.PIACUCAUNE.COM.BR

maiores informações, comentários, sugestões sobre o caderno, escreva para cadernodopia@piacucaune.com.br

"Cidade, Homosexualidade e Música Eletrônica: do espaço urbano ao espaço virtual"

De Cláudio Manoel Duarte E Gisele Marchiore

"Flanar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem.
Flanar é ir por aí, de manhã, de dia, à noite..." (João do Rio)

A cidade, mesmo sendo uma realidade objetiva – com suas ruas, monumentos, praças – é uma ambiência a partir da qual se desenvolvem subjetividades, se constroem representações. Ela é um centro de efervescências culturais. Das representações possíveis acerca da cidade, uma das que mais tem chamado atenção é aquela que se refere ao processo de urbanização, com todas as suas conseqüências. Como mostra Sandra Pesavento (1997), ocorreu um crescimento desordenado de casas e bairros, além da aglomeração em espaços restritos de grupos heterogêneos, impondo-se a questão social como uma questão urbana. Havia uma faceta maldita, com seus atores, seus lugares e seu tempo, sendo preciso reordenar espaços e disciplinar vivências coletivas.

> Carlos Roberto de Andrade (1997) lembra que na praça se confrontavam formas antagônicas de sociabilidade e que, ao seu esvaziamento, correspondeu um silenciamento de vozes. Privacidade e isolamento arquitetônico tensionaram a cidade e segmentaram o público do privado, a massa do indivíduo. Uma noção de conforto, característica da vida moderna, se estendeu por todos os lugares, das moradias aos shoppings-centers, que se tornaram "máquinas de conforto que regulam nossas vidas íntimas e públicas" (Andrade, 1997, p.100).

Segundo Andrade, dois modelos arquitetônicos e urbanísticos produziram a cidade do século 20 e anunciaram a do século 21; sendo dominantes, ainda, na configuração da imagem que temos hoje das cidades: os superblocos e os bairros-jardins. Nos superblocos, praças e ruas se diluem, reduzindo os espaços coletivos à mera função circulatória; nos bairros-jardins, praças e ruas são reiteradas como espaços de convívio, mas vigiados e separados do resto da cidade. Ou seja, trata-se de dois modelos que se desenvolveram negando a vida pública da cidade, sem considerar possibilidades de regeneração do espaço público e sem atentar para os movimentos que surgiam como forma de resistência à exclusão social que se configurava.

Nos últimos anos, com o crescente desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação digital e sua inserção em nosso cotidiano, as atenções voltaram-se, também, para um outro tipo de cidade: as cibercidades, que surgiram como um espaço possível para novas formas de interação.

André Lemos (1999) registra que a maioria das experiências de cibercidades, desenvolvidas até o momento, no entanto, não passa de metáforas que não abarcam a complexidade de um determinado espaço urbano. Para o autor, seria necessário descobrir como fazer para virtualizar a efervescência ou a dinâmica de uma cidade, suas partes malditas; seria necessário refletir sobre a cidade virtual para que ela venha a se tornar palco de algo diferente das visões estereotipadas e assépticas que os especialistas se ocupam em construir. Na sua visão, as cibercidades deveriam aproveitar o potencial de formação comunitária do ciberespaço, promovendo práticas que, por exemplo, façam com que as pessoas evitem deslocamentos inúteis, ficando para elas a possibilidade da flânerie.

De acordo com Lemos,

a virtualização digital das cidades não constitui verdadeiramente a criação de uma esfera pública. A maioria das experiências são, certamente, apenas bases de dados sobre um determinado espaço urbano, agregando informações sobre municipalidades, lazer, informações turísticas, transportes, eventos culturais etc. São poucas as experiências que criam espaços de interação social, com abertura a discursos bidirecionais e a fóruns comunitários. Em geral, as cibercidades parecem mais como propaganda e serviços do que a constituição daquilo que dá a vida a uma cidade, ou seja, a criação de formas de comunicação livres e democráticas (Lemos, 2000).

Martín Barbero (1996) ressalta que, se há falência das trocas no espaço público, esta não está diretamente ligada às novas tecnologias, mas a crescente urbanização. A nova forma do urbano caracteriza-se por ser globalmente conectada e localmente esfacelada e as cibercidades são importantes, justamente, enquanto tentativa de diminuir esta discrepância.

As cibercidades devem ser pensadas no sentido de potencializar trocas entre seus cidadãos e a ocupação de espaços concretos da cidade real. Nesse sentido, como afirma Marcos Palácios, é preciso considerar

que uma Cibercidade não se constrói apenas na Internet, separadamente da Cidade Física, mas, pelo contrário, é o resultado da incorporação e uso das tecnologias telemáticas no cotidiano da Cidade Física. Trata-se de uma nova dimensão do planejamento urbano e não de uma modalidade de videogame, como parece que ainda acreditam alguns (Palácios, 1999)

Alessandro Aurigi e Stephen Graham (1998) salientam que as cibercidades nascem num terreno de fragmentação, isolamento e guetificação, que bem caracterizam as grandes cidades. Para os autores, os espaços urbanos nunca foram inclusivos; mas sim uma reunião de mecanismos de exclusão e de inclusão social. Assim, com a crescente corrosão do espaço público, emerge o debate acerca do potencial do ciberespaço em promover novos tipos de interação social.

As cibercidades propostas até agora não conseguiram incorporar formatos abertos a intervenções efetivamente interativas de indivíduos e comunidades. Nestes formatos não existem recursos técnicos que abram espaços efetivos para a criação e a incorporação de experiências culturais alternativas e outras práticas políticas. Não da política partidária, eleitoral, institucional, mas das políticas de construção de outros sentidos, de outros discursos estéticos.

Ao pensar a construção das cibercidades, há por trás desse debate a aplicação (ou não) de conceitos de participação democrática – liberdade de expressão (temas) e criação (técnicas) de fóruns sem censura – diretamente relacionada ao formato (design) e aos softwares utilizados, que vão estabelecer se essa cibercidade é aberta (ou não) a intervenções externas. Podemos mesmo dizer que as escolhas técnicas (design e softwares) já estabelecem as bases políticas do projeto: o de ser participativo ou de ser uma mera representação do discurso formal das instituições das cidades reais.

Ao criticar algumas experiências, Pierre Lévy (1999) cita o caso dos museus virtuais, que "às vezes nada mais são do que catálogos ruins na Internet", quando deveriam servir como espaços para maior interatividade e criação de obras coletivas. Com esse exemplo, o autor defende que o ciberespaço não pode ser mera duplicação das instituições ("formas institucionais"), sob o discurso de acesso para todos, mas deve valorizar e compartilhar a inteligência nas comunidades conectadas. As idéias de Lévy se baseiam no que ele defende como sendo o movimento social da cibercultura: a interconexão, as comunidades virtuais e a inteligência coletiva.

As comunidades virtuais se estabelecem a partir da interconexão, aliada à afinidade de interesses, e processam a cooperação através da troca de informações que as consolidam enquanto grupo, independente de proximidades geográficas. Informação e sentimento estão presentes numa comunidade virtual: são a expressão da aspiração de construção de um laço social, que não seria fundado nem sobre links territoriais, nem sobre relações institucionais e de poder, mas em torno de centros de interesses comuns, de cooperação mútua.

Essas comunidades vêm se firmando, tendo como base processos identitários dirigidos (como os neonazista, os gays, os clubbers e outros); ou apenas por delimitação de espaços territoriais (bairros, alunos de uma mesma escola etc). Mas, nos dois casos, podem ou não encontrar espaços abertos (democráticos do ponto de vista do tema e de suportes técnicos interativos) para se expressarem nas cibercidades. Quanto mais radicais as expressões, menos assimiladas pelos projetos oficiais das cibercidades, que priorizam um discurso formal – e "limpo" – dos estilos de vida. Eis aí a cena gay e as cenas que associam arte e comportamento, como a da música eletrônica.

Se as cibercidades não têm conseguido resgatar a efervescência presente no cotidiano das cidades "reais" – embora seus projetos proponham retomar no ciberespaço práticas da cidadania e resgatar o espaço público – há um movimento que se consolida paralelamente. Surgem sites e listas de discussão, entre outros espaços, que se baseiam em conteúdos temáticos especializados e de interesses comunitários bem definidos, muitas vezes por associação de afinidades, de tribos e grupos alternativos, e, talvez por isso, marginais aos projetos das cibercidades, marginais às proposições oficiais (institucionais) no ciberespaço – este é o caso do universo homossexual e da cena da música eletrônica.

Universo homossexual: do urbano ao virtual

A ocupação do espaço público urbano sempre foi considerada como um fator importante para o desenvolvimento da sociabilidade. James Green (2000), analisando a homossexualidade masculina no Brasil do século XX, lembra que uma acessibilidade maior dos homens ao espaço público, às ruas, às praças, sempre facilitou os encontros entre eles.

A busca por lugares de encontro e maior interação social sempre foi uma característica da comunidade gay que, como alternativa à falta

desses lugares, busca se reunir em determinados pontos das grandes cidades, dos quais "se apropria". Com o surgimento do ciberespaço, e das cibercidades, um fenômeno semelhante tem acontecido: não havendo esses lugares de interação, eles são "criados".

O ciberespaço se apresenta como um ambiente sem fronteiras, onde as relações que se estabelecem parecem ter como princípio organizador a busca por afinidades. Diferentes espaços surgem na rede, normalmente, a partir de interesses comuns. Basta navegar um pouco pela internet para que percebamos, por exemplo, que nela é possível se relacionar, se informar sobre a cena gay. Este não é um privilégio do universo homossexual, mas é difícil não se surpreender com a quantidade de espaços a ele dirigido – ou com a quantidade de espaços que ele vem criando no ambiente virtual.

Com as tecnologias de comunicação digital, os homossexuais vêm satisfazendo necessidades relacionadas à sociabilidade e criando comunidades virtuais específicas que se consolidam como lugares de encontro. Os laços criados no ciberespaço facilitam o estabelecimento de relações que podem ser transferidas para o espaço das cidades "reais" ainda que restritos, já que o padrão cultural que afirma a heterossexualidade impõe limites para a manifestação de uma orientação sexual diferenciada.

No ciberespaço, são muitas as listas de discussão destinadas aos gays, lésbicas e diversas outras multiplicidades sexuais, também é considerável o número de sites dirigidos a esse público. Através desses espaços alternativos, quase sempre desconsiderados nos projetos oficiais, como é o caso das cibercidades, a comunidade gay tem mostrado que, como acontece no ambiente das cidades reais, ela também vem se apropriando do ambiente comunicacional do ciberespaço.

Nesse contexto, as listas de discussão se destacam por possuírem um caráter mais duradouro, menos efêmero, adequado para a formação de comunidades virtuais eletivas. Das listas de discussão dirigidas ao universo homossexual, a ListaGls é uma das mais antigas e conhecidas. Ela foi criada, em setembro de 1996, pelo sociólogo Roberto Warken, e é dirigida a gays, lésbicas, bissexuais, transexuais, transgêneros e simpatizantes. A lista existe como um espaço para a reflexão de temas inerentes à homossexualidade, possui 398 membros , está listada no Yahoo (http://br.groups.yahoo.com/group/listagls) e a associação é aberta. Trata–se de uma lista bastante ativa que, em janeiro de 2003, chegou a 1277 mensagens, com uma média de 42 e-mails diários.

Um dado interessante refere-se ao fato da comunidade da Listagls já ter se encontrado várias vezes fora do ciberespaço. Um desses encontros aconteceu, justamente, durante uma das Parada do Orgulho Gay de São Paulo. No período que antecedeu o evento, os membros da lista divulgavam todo tipo de informação sobre a Parada e marcavam pontos de encontro na Avenida Paulista, mostrando seu interesse em interagir também no espaço concreto da cidade real.

A lista E-jovens foi criada em agosto de 2001, pelo estudante de jornalismo Deco Ribeiro, que também é o seu moderador. Ela é dirigida sobretudo aos adolescentes gays e está vinculada ao site E-jovem (www.e-jovem.com). Possui 795 membros, está listada no diretório do Yahoo (http://groups.yahoo.com/group/e-jovens/) e a associação é aberta. A E-jovens é, sem dúvida, uma das listas GLS mais ativas da rede, com uma média que varia de 15 a 50 mensagens diárias, já tendo chegado a 80. Nela, muitos adolescentes que não se assumem como gays, no ambiente da vida real – junto à família, escola, amigos etc – encontram espaço para estar e debater com outros na mesma situação. Existem casos de adolescentes que, depois de "se assumirem" neste ambiente, ganham coragem para fazer o mesmo fora dele.

Os direitos dos homossexuais no Brasil é o tema principal da Gaylawyers, por isso ela reúne muitos advogados, juristas e militantes gays. A lista foi criada em março de 2000, possui 266 membros, está listada no Yahoo (http://br.groups.yahoo.com/group/gaylawyers) e a associação é aberta. A Gaylawyers é uma referência, sendo freqüentemente citada e consultada por outras listas – o que demonstra que existe um diálogo entre as comunidades das diversas listas de discussão.

A Judeus Gays do Brasil é uma lista destinada a judeus e judias homossexuais, criada em setembro de 1999. Ela se apresenta como um lugar onde judeus homossexuais podem discutir tópicos diversos como: direitos humanos, cidadania, união civil, judaísmo, sionismo, homossexualidade, entre outros. A lista possui mais de 200 membros, está listada no Yahoo (http://br.groups.yahoo.com/group/judeusgaysbr/) e a associação é restrita (é preciso justificar o interesse em entrar na lista e aguardar aprovação).

A lista Gays na USP foi criada em junho de 2001 e é voltada à comunidade gay da Universidade de São Paulo, tendo como objetivo principal a discussão de temas pertinentes à realidade dessa comunidade. A lista possui 106 membros, está listada no Yahoo

(http://yahoo.com/ group/gaysnausp/), não é moderada e a associação é aberta. É um exemplo de lista que se estruturou não apenas por afinidades, mas, também, considerando um território geográfico de trânsito comum. Temos também, no âmbito universitário, a lista da Associação de Acadêmicos GLS do Brasil, coordenada pelo Prof. Luiz Mott e criada em janeiro de 2001. A lista tem como objetivos, entre outros, realizar o levantamento bibliográfico da produção acadêmica e literária consagrada à homossexualidade; promover discussões sobre sexualidade e homossexualidade, em particular; e denunciar e dar suporte a acadêmicos vítimas da homofobia. Ela possui 80 membros e está listada no Yahoo (http://br.groups.yahoo.com/group/aagls/).

Duas listas específicas para lésbicas também se destacam. A Lésbicas do Brasil foi criada em novembro de 2001 com o objetivo de criar um canal de comunicação entre militantes lésbicas, discutir e divulgar questões relacionadas à cidadania, educação sexual, cultura, entre outros. A lista possui 56 membros, está listada no Yahoo (http://groups.yahoo.com/group/lesbicas-br/) e a associação é aberta. A Leslist se dirige prioritariamente a lésbicas, mas também é aberta à participação de gays, bissexuais, transgêneros e simpatizantes. Ela foi criada em janeiro de 1999, possui 323 membros, está listada no diretório Yahoo (http://br.groups.yahoo.com/group/lelist/) e a associação é aberta. Trata-se de uma lista bastante ativa que, como a Listagls, tem assim se mantido.

A Famílias Alternativas é uma lista de discussão sobre e para famílias homossexuais. Ela foi criada em março de 2002 e tem como objetivo discutir os problemas de mães lésbicas e pais gays com filhos biológicos ou adotivos e que têm um relacionamento estável. Ela está listada no Grupos.com (http://www.grupos.com.br/grupos/ familiasalternativas/) e, apesar de relativamente nova, vem crescendo e se tornando bastante conhecida.

Além das listas de discussão, vários outros espaços, como os sites, fazem parte do cenário por onde circula o universo homossexual na rede. Nesse sentido, é interessante destacar que, cinco anos atrás, em 1998, um Guia Gay da Internet, organizado pelo jornalista Stevan Lekitsch, já havia sido publicado pela edições GLS (selo da Summus).

Entre os sites citados no Guia, destaca-se o do Mix Brasil (www.mixbrasil.com.br), que foi criado em 1996 e, desde 1997, é acessado através do Universo Online. O site divulga notícias atuais sobre o mundo gay, traz entrevistas com pessoas famosas, novelas, galerias, salas

de bate–papo, roteiro, área específica para lésbicas (Cio) e informações gerais. O Mix Brasil foi criado pelo publicitário André Fisher e é o site gay brasileiro mais conhecido. Ele foi o pioneiro e até hoje serve como referência para muitos outros sites que surgiram depois.

O Glssite.net (www.glssite.net) é um site sobre educação sexual para gays, lésbicas, bissexuais, transgêneros e simpatizantes. Foi criado em setembro de 1996 com o objetivo de contribuir "com a construção de uma cidadania mais justa, ofertando espaços de comunicação e organização contra a homofobia", conforme é descrito na página de apresentação do site. O Glssite abriga a Listagls. O Ursos do Brasil (www.geocities.com/~ubr/pghome.htm) é um site informativo sobre os famosos bears americanos, conhecidos no Brasil como ursos. Explica o que são os ursos, como identificá–los, indica páginas pessoais, traz fotos, um índice de ursos pelo Brasil, e links para outros sites sobre o assunto. Outro exemplo de site dirigido prioritariamente ao universo homossexual é o da Editora GLS (http://www.edgls.com.br/faq.html). Também a conhecida boate paulista A Loca possui um site na Internet (www.aloca.com.br), com sua programação, flyers de divulgação, fotos, informações sobre os djs que tocam, entre outras coisas. Um site mais recente e muito interessante é o Armário X (http://www.armariox.com.br/), que traz dicas e sugestões para quem quer "sair do armário", ou seja, se assumir como homossexual. O Armário X abriga uma lista de discussão com o mesmo nome.

A presença da comunidade homossexual no ciberespaço representa uma apropriação das novas tecnologias de comunicação para fins comunitários. Uma das características dessa comunidade é abrigar uma diversidade de sub-grupos que também se fazem presentes na rede. Como vimos, além dos espaços mais amplos, existem ainda espaços exclusivos para adolescentes, militantes, judeus, advogados gays etc. Também para os que estão próximos geograficamente, como os gays da USP.

É importante ressaltar que não apenas o universo homossexual vem se apropriando da rede e criando seus espaços. Uma outra comunidade também nos leva a refletir sobre a relação entre a efervescência urbana e espaços institucionalizados (ou não) no ciberespaço: a agremiação formada por djs, promoters e clubbers que formam a cena da música eletrônica.

▶Este artigo continua na próxima edição do Caderno do PIA.

* O número de membros das listas citadas refere–se ao mês de agosto de 2003.

A síndrome de Saturno ou a Lei do Pai: máquinas canibais da modernidade

Régis Michel

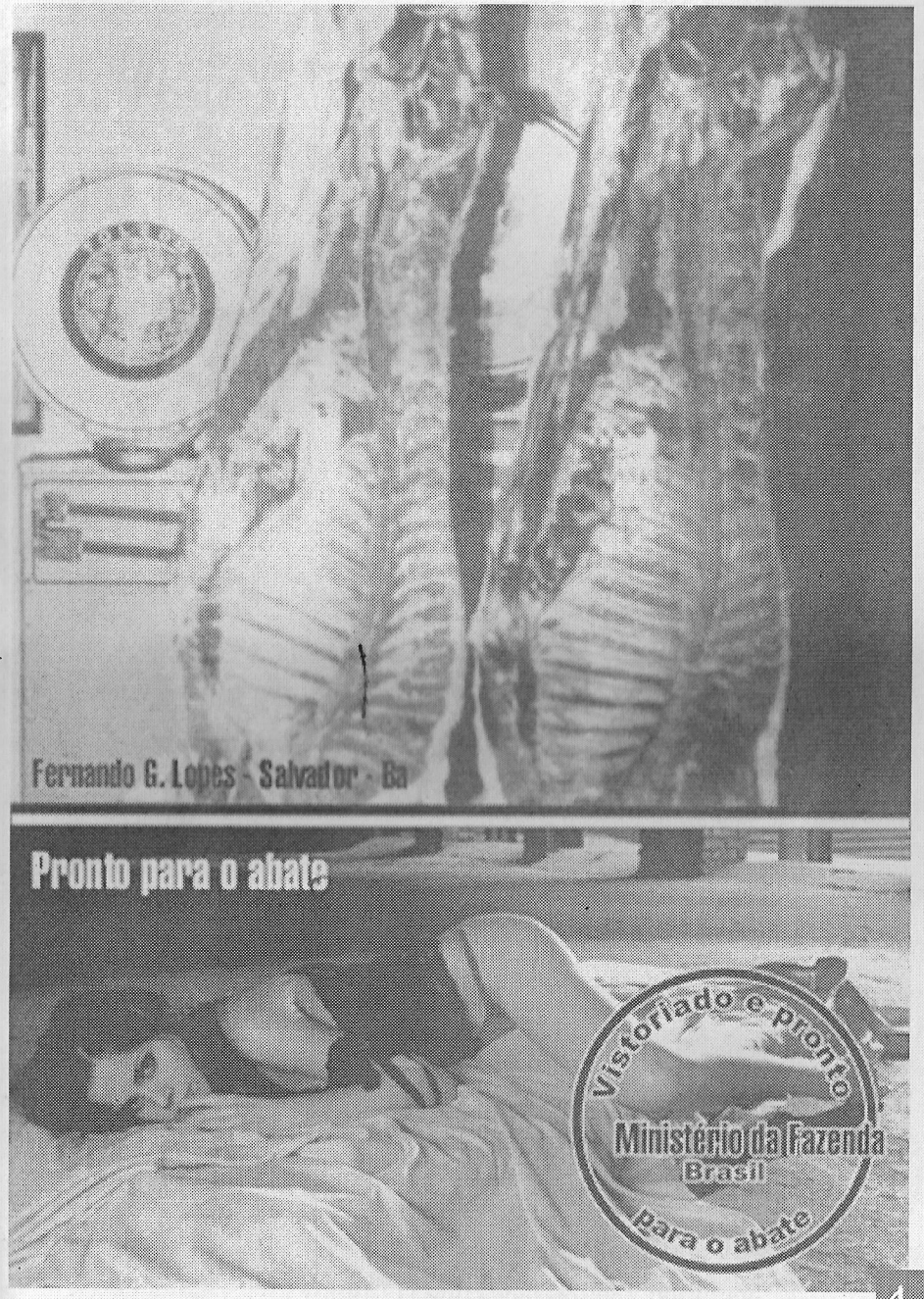
I. Tabu: o pai come o filho
Estádio supremo

Goya: um velho de joelhos, mãos postas e olhos fechados, abre uma boca confiante, onde a mão do pai introduz uma hóstia. É a última comunhão de José Calasanz, santo popular do barroco, e o último grande quadro de Goya antes do canto fúnebre das *pinturas negras*: ilustração lúgrube do rito eucarístico, na qual a morte ronda os personagens, em busca de sua presa. O velho parece trajar seu próprio luto, o padre tem ares de carrasco e os fiéis são outros tantos marionetes devotos cujas fácies patibulares evocam aqui e ali os monstro da *Quinta Del Sordo*. É que o rito eucarístico nada tem que suscite a mínima alegria. Goya se mostra aqui um sagaz leitor de Freud. A comunhão cristã é o estádio supremo do canibalismo ocidental. Com isso entendamos que ele floresce, como o capitalismo na obra de Lênin, nesse avatar teatral de um culto imperialista que anima um costume cruel: *comer o outro*. Mas que outro? A resposta é patente: o filho. O cristão que comunga come o corpo do filho que, que de acordo com o texto evangélico, oferece a própria vida pela redenção da humanidade. A essa oblação involuntária, contudo, falta verossimilhança. De onde vem a exigência de semelhante sacrifício? Está aí, a (verdadeira) questão. E, desta vez, a resposta não é tão cômoda. A explicação dada pelo cristianismo não passa de um enigma a mais: o pecado original, etc. Mas essa ficção bíblica merece pouco crédito. Freud propõe uma versão diferente, aparentemente mais lógica: o *assassinato do pai*. Que um homem sacrifique a existência para expiar uma falta subentende que essa falta seja um crime. Vida por vida: tal é o princípio da justiça retributiva (de resto, Freud se refere à lei de talião). É preciso, então, que a cena primitiva da humanidade bíblica seja uma cena de homicídio, onde a transgressão do interdito anda lado a lado com a supressão do seu autor. Mas, no mesmo instante em que sacrifica a existência, o filho por sua vez torna-se deus. Toma o lugar do pai, de quem expiava a morte. Basta dizer que a comunhão cristã é, para Freud, outro assassinato, ainda que simbólico: um novo parricídio.

Refeição totêmica

Que o rito da eucaristia seja uma refeição totêmica não é invenção do pensamento freudiano. A hipótese pode ser encontrada na obra de Frazer, a quem de bom grado Freud presta homenagem. E aí é fácil ver os interesses estratégicos. É que tal hipótese sustenta com vigor a tese mais *contestada* de sua antropologia: a universalidade de Édipo. Ao sugerir que Cristo tenha sido crucificado apenas para *tornar-se* Deus (a expiação transforma-se em usurpação), Freud reinterpreta a seu favor a argumentação cristã sobre o modo retórico de um paradoxo calculista. Pois esse exercício dialético retoma uma velha história na qual, para possuir a mãe, o filho tem de matar o pai: conhecemos a ladainha. A saga religiosa se inscreve obrigatoriamente na estrutura simbólica da economia libidinal. Mas é preciso confessar que essa anexação fagocitária, por sua vez, um processo... *canibal*. Para impor a fábula edipiana, Freud toma liberdades duvidosas em relação à fábula eucarística. Não há texto que sustente a hipótese fundadora de um parricídio original. Na verdade, trata-se do inverso: é bem outra além do que nos conta o Gêneses. Há mais. Na *doxa* cristã (mais tarde católica, depois da Reforma), a eucaristia não é simples metáfora, um fragmento circular do pazímo. O que o comungante come – e é nisso que ele acredita, pelo menos – é o próprio corpo de Cristo. A transubstanciação torna a hóstia um pouco mais do que um vestígio ou um emblema: o princípio efetivo de uma *presença* real. Ninguém é obrigado a concordar com essa alquimia artificiosa. Trata-se apenas de um dogma. Mas ela não deixa de ter conseqüência direta sobre o jogo de papéis, que distribui o poder na mitologia cristã, a qual toma o cuidado de distinguir o filho do pai, acrescentando-lhes, para dar boa medida, uma entidade estritamente conceitual, em que se resolve a ousada equação – a soma algébrica – dos dois termos precedentes: o Espírito (santo). Esse vetor escolástico de todos os idealismos, que cristaliza os atributos maiores da divindade, transforma o duo filial em trio doutrinal. Ora a Trindade cristã, produto polêmico (desnecessário explicar) de séculos de heresia, não é de ordem racional. Mas de ordem fálica. Suas hipóstases masculinas têm um único objetivo: impor a lei do pai. E esta passa necessariamente pelo sacrifício ritual do filho. O Verbo (Logos) se faz carne (*Phallus*) sem maiores aflições. Assim o exige a metafísica ocidental do patriarcado.

MICHEL, Régis. A síndrome de Saturno ou a Lei do Pai: máquinas canibais da modernidade. *In*: FUNDAÇÃO BIENAL DE SÃO PAULO. *XXIV Bienal de São Paulo*: núcleo histórico: antropofagia e histórias de canibalismos. São Paulo, 1998. p. 120 - 121



Caio Fazolin e Milena Durante - SP

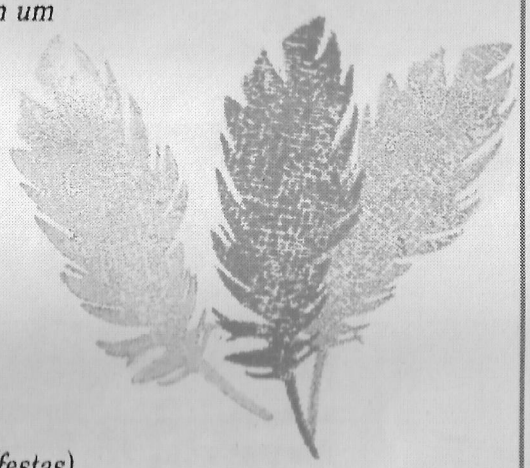
"Pornográfico"

Quem vai se associar hoje, preencha o formulário, em nome de Jesus.
Quem se associar vai ganhar uma agenda, mas não se associe por causa da agenda, você vai se associar porque Jesus te deu um ministério.
Eu vou amar Jesus até o fim da minha vida, minha vida nunca vai ter fim, então eu vou amar Jesus para sempre.
Pegue o papel verde, porque eu preciso retificar seu endereço, mas precisa ser rápido porque eu tenho que fazer uma oração forte.
"Estamos muito alegres/ Jesus está aqui/ Sentimos muito amor/ Sentimos união/ Meu coração alegre está/ Porque Jesus lhe valerá/ Vitória eu tenho em Jesus".....
Seja bem sucedido no seu ministério.
Se você vai associar em nome de alguém, fique de pé.
Eu peço a unção do meu ministério para os nossos associados.
Que eles tenham o fogo da fé.
Eu peço a Satanás, que está proibido de encostar em qualquer um de vocês e em nome de Jesus eu digo que o Diabo, em nome do senhor, está proibido de tocar nessas pessoas.
Deus dá a vitória para nós em nome de Jesus, pega a inscrição que eu vou abençoar em nome de Cristo.

Desvio para o Vermelho - BA

"Porque Oxalá usa ekodidé"

Oxalá deixou com uma das senhoras mais velhas do terreiro, Omon Oxum, a responsabilidade de cuidar de suas vestes incluindo a coroa reluzente. Tendo a admiração do Orixá e sendo sua devota, Omon Oxum atraia inveja das colegas. As três mais invejosas roubam a coroa e a jogam no rio. Omon Oxum, desespera, com a ajuda de sua filha, encontra a coroa na barriga de um peixe. As mulheres rivais, em fúria, colocam um ebó na cadeira de Omon Oxum, que fica horrorizada, sangra em plena cerimônia, contrariando uma ewó (proibição) de Oxalá. Renegada pelos outros orixás, ela foge e é abrigada por Oxum, que transforma seu sangue em ekodidé - uma pena vermelha de papagaio. Depois disso, nos xirês (festas) realizados todas as noites, é apresentada aos orixás uma cuiade ekodidés, que eram trocadas por riquezas. Com Tamanha Movimentação nos xirês de Oxum, Oxalá , ao tempo que descobre as trapaças das invejosas, foi a um desses xirês. Lá ficou surpeso ao ver Omon Oxum e feliz, joga-se no chão e coloca dinheiro na cuia prestando uma homenagem a Oxum. Ela fica impressionada, o ajuda a levantar-se devolve Omon Oxum a Oxalá que promete incluir a ekodidé em suas vestes brancas.E o único elemento que não é branco, nas vestes de Oxalá, é a ekodidé simbolizando a homenagem masculina à capacidade genitora da mulher num equilíbrio entre masculino e feminino.

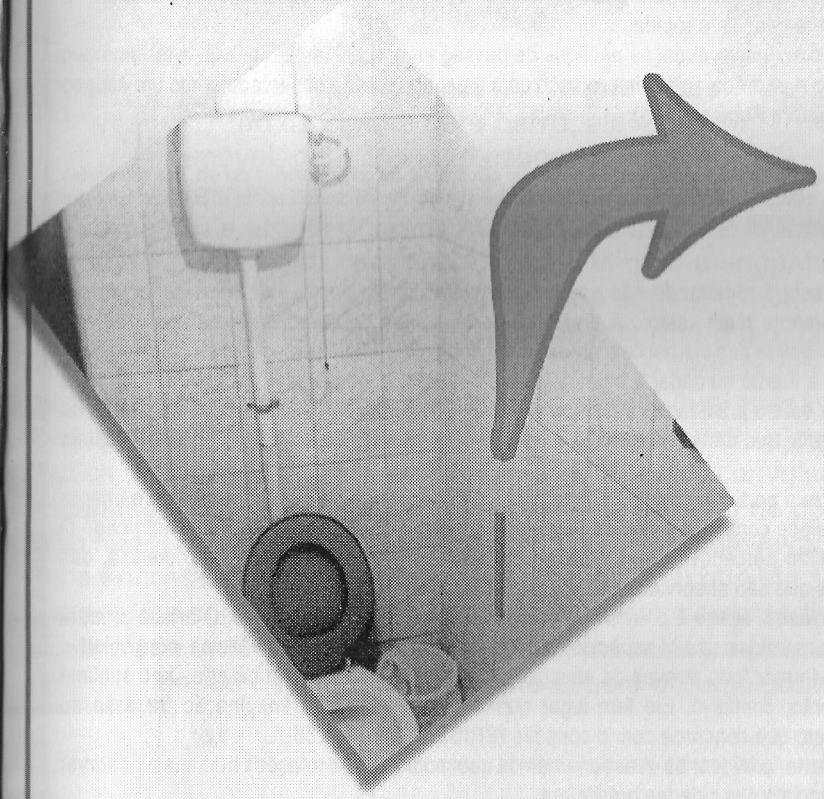


Manoel Marcelo Gomes - RJ

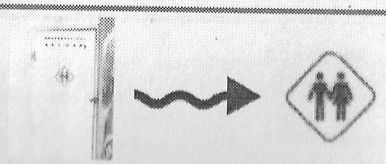
"Não Falo"

GIA - BA

"Régua"



Marcos Martins - CE



"TOILETTE" ; A INCOMODAÇÃO E O ESPAÇO
Marcos Martins

O homem diferencia o espaço e cria lugares. Entre os animais tais lugares são sabidos e marcados: incluem casas, áreas de núcleos, territórios. A arquitetura faz manifestar transições espaciais que é claro, tem significação social e conceitual. Assim paredes, portões, porta, soleiras marcam muitas vezes as transições entre fora/dentro, sagrado/profano, publico/privado e outras formas de domínio. Porém ainda mais importante é o próprio fato da diferenciação, geralmente pode-se mostrar que a mente humana necessita diferenciar classificar, nomear e distinguir entre vários lugares. A saber, que o homem diferencia estes espaços, faz-se uma análise investigativa dessas relações nas esferas publicas e privadas, através da fixação de adesivos que levam em sua eficácia simbólica o signo que vai além da união do pensamento e da liberdade, conceitos de classificação ou de diferenciação. Partem de apropriações conceituais de signos usados nos banheiros dos espaços públicos, transfigurados ou subvertidos a uma idéia libertária e configuradas em uma nova ordem na comunicação do espaço público. Na sua formatação de placa, a informação ordena o "permitido", A cor vermelha, uma sugestão de meu amigo Caio Fazolin, que inicialmente não havia entendido o por quê da escolha, mas que depois assimilei a mesma, dado a sua capacidade de alcançar o publico de uma forma concisa e rápida.

Esses não-lugares enquanto espaços públicos de passagem e aglutinação passam a ter um novo significado. Criando a partir da ação uma relação com o espaço, sendo observado como um espaço antropológico. Que para Augé significa:

> àquela construção concreta e simbólica do espaço que não poderia dar conta, somente por ela, das vicissitudes e contradições da vida social, mas à qual se referem todos aqueles a quem designa um lugar, por mais humilde e modesto que seja (2004, p.51).

Cada intervenção estará remetendo não apenas ao entorno direto, local, mas necessariamente a um espaço infinitamente mais vasto. A permissão e os limites de liberdade experimentada nos espaços públicos, através das ocupações visuais nos banheiros a mídia de parede, as palavras ditas imorais percorrem a mente humana, a palavra ganha força e cor, penetrando na esfera Pública se confundindo com a esfera privada em busca do invisível. De acordo com Nelson Brissac, o invisível é simplesmente aquilo que não conseguimos ou não queremos ver. E não alguma coisa que esteja além do visível.

A criação não ocorre a partir do nada, O artista está ligado e precisa da realidade externa e interna à obra, pois estabelece conexões entre os elementos apreendidos e a realidade em construção. O artista age como filtro perceptivo do mundo, neste caso, ele é um explorador da existência, das formas e das cores que são absorvidos pelo mundo imaginário.

A relação entre a cidade, a arte e o artista, é de observação e experimentações. O artista procura dissecar a cidade em todos os seus aspectos, faz associações, pesquisa as vivências, com objetivo de dominar e transformar tudo através da ativação do sensorial e do sublime na arte. Já o sublime é o outro sentimento, conflitivo. Ele tem lugar quando, ao contrário, a imaginação fracassa ao apresentar um objeto que concorde com o conceito (BRISSAC, 2004, p.33).

A função social da arte, provocar os questionamentos que modificam as relações humanas, observar os desequilíbrios sociais das cidades brasileiras.

Klaus Schuenemann - BA

"Amor Andança"

Quando ela finalmente o pôs nu da cintura para baixo, ele estava imóvel, pois, tão logo esboçou a reação costumeira, ela lhe apertou os dedos quebrados e amarrou a argola do nariz numa corda curta. E foi com grande sofreguidão que, não logrando vencer a engenharia das bragas, fraldas, culotes, laços e todo aquele tumulto de panos que cobria os quartos do holandês, cortou o que pôde com uma faca e o resto rasgou com os dentes. Ao vê-lo enfim exposto, as pontas dos pentelhos ruivos cintilando ao sol que passava em fatias por entre os mourões, Vu levantou o tronco ainda ajoelhada e, os lábios trêmulos, as mãos vibrando, o fôlego convulso, sangue incandescente, o coração turbulento, quase sai voando por a princípio não saber como levar seu corpo todo, que parte dele levar, que partes dela encostar e apertar no holandês deitado e nu que ela agora mirava outra vez com um prazer quase insuportável, como se tivesse brotado uma cordilheira de arrepios, músculos e pele eriçada desde o meio dos peitos até abaixo do umbigo...

Trecho do livro "Viva o povo brasileiro" de João Ubaldo Ribeiro.

Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.

Assim Oswald de Andrade inicia seu Manifesto Antropófago em 1928. O difundido conceito desse modernista é, talvez, a idéia mais permanente na arte brasileira desde então. Nasce com os modernistas, passa pelo *Esquema Geral da Nova Objetividade* de Hélio Oiticica e continua surtindo efeitos em publicações como esta.

Como sempre, o Caderno do PIA traz um argumento do seu conteúdo, neste caso, as conotações do termo antropofagia e o 2º Festival da Livre Expressão Sexual – FLEXS, que oxigenou valores e pôs em pauta a discussão sobre a diversidade sexual em Salvador. Os trabalhos montados na jornada Intervenções Urbanas: *Arte em Território GLTB*, que compôs a programação do FLEXS, tiveram a participação dos alunos da oficina do PIA, *Aspectos da Arte Pública*, estudantes do Colégio Ypiranga, da EBA/UFBA e das Faculdades Jorge Amado. A oficina ocorreu no Colégio Ypiranga, na mesma região do Largo Dois de Julho.

A diversidade de sentido que certos termos têm, ampliam nossas possibilidades de envolvimento com determinadas linguagens artísticas. Os transeuntes desatentos que se deparam com uma interferência, nem que seja por alguns instantes, fragmentando seu cotidiano, é o que faz da arte contemporânea, pensada para o espaço público, o êxtase do artista proponente, a existência da *Alegria dos que não sabem e descobrem*[1].

Eis aqui o 5º Caderno do PIA, com idéias dos trabalhos apresentados no FLEXS e algumas possibilidades de como comer o outro. Bom apetite!

Priscila Lolata

Imagem da capa: Índia Tarairiu por Albert Eckhout

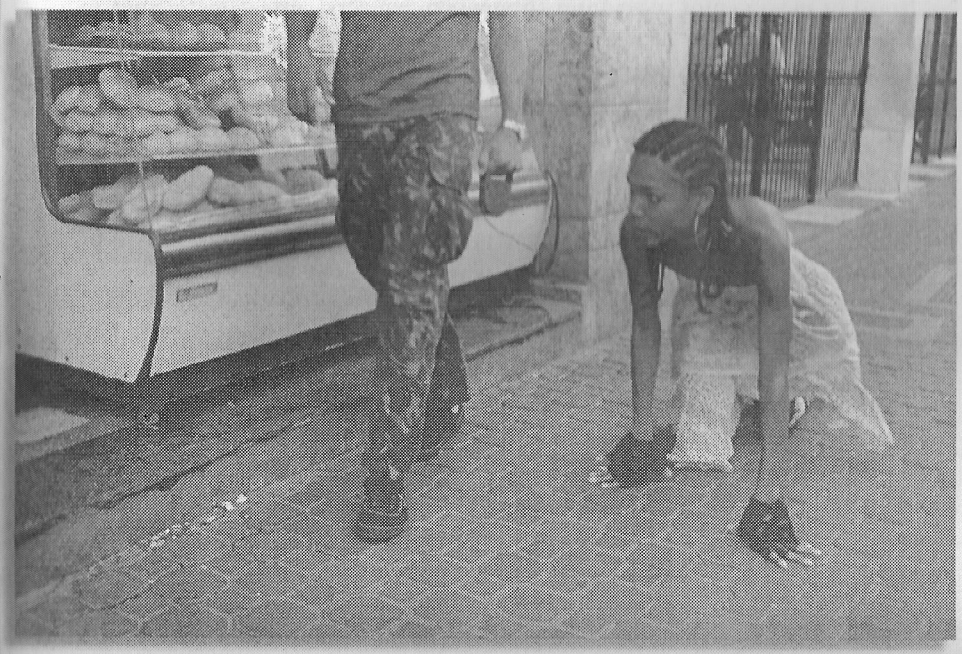
(...)

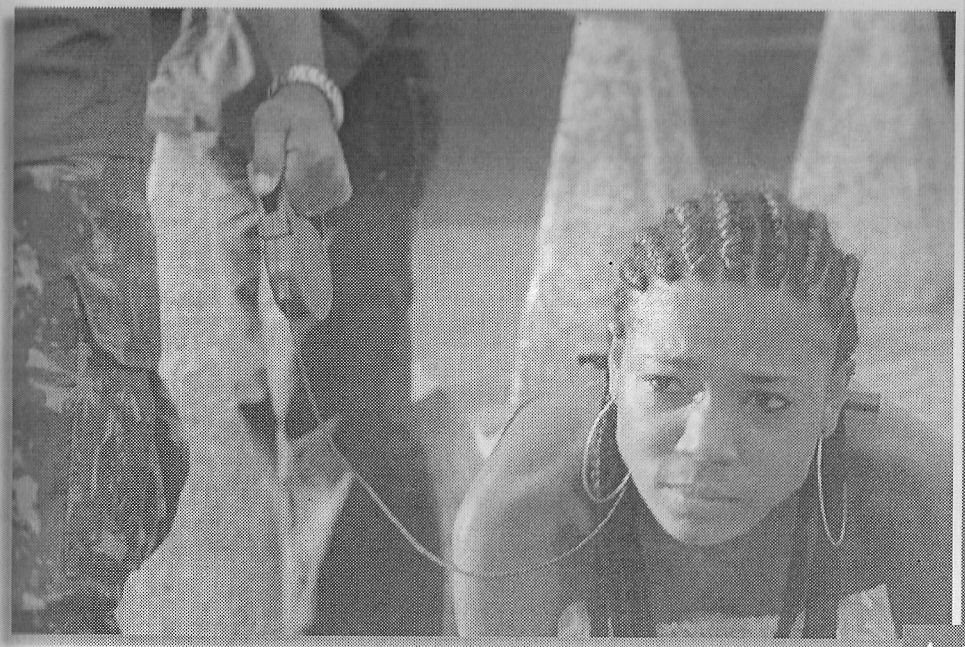
Entretanto é preciso considerar que o canibalismo dos Tarairiu correspondia a uma forma de endocanibalismo. Os mortos eram repartidos e comidos sob a justificação de que não haveria melhor sepultura do que o corpo dos sobreviventes. O cadáver era lavado, assado e comido. Os ossos recolhidos e depois reduzidos a pó eram misturados com farinha e ingeridos em outra oportunidade. Depois que o cadáver tinha sido inteiramente consumido cessavam as lamentações e gritos que acompanhavam o repasto fúnebre[2].

[1] Novamente do nosso pensador Oswald de Andrade, mas no Manifesto Pau Brasil, de 1924.

[2] VALLADARES, Clarival do Prado e MELLO FILHO, Luiz Emygdio de Mello Filho. Albert Eckhout: presença da Holanda no Brasil, século XVII. Rio de Janeiro: Edições Alumbramento, 1998.

"Passeando com mulher cachorra"





No Brasil os movimentos inovadores apresentam, em geral, esta característica única, de modo bem especifico, ou seja, uma vontade construtiva marcante. Até mesmo no Movimento de 22 poder-se-ia verificar isto, sendo a nosso ver, o motivo que levou Oswald de Andrade a celebre conclusão de que seria nossa cultura antropofágica, ou seja, redução imediata de todas as influências externas a modelos nacionais. Isto não aconteceria não houvesse, latente na nossa maneira de apreender tais influências, algo de especial, característico nosso, que seria essa vontade construtiva geral. Dela nasceram nossa arquitetura, e mais recentemente os chamados movimentos Concreto e Neoconcreto, que de certo modo objetivaram de maneira definitiva tal comportamento criador. Além disso, queremos crer que a condição social aqui reinante, de certo modo ainda em formação, haja colaborado para que este fator se objetivasse mais ainda: somos um povo a procura de uma caracterização cultural, no que nos diferenciamos do europeu com seu peso cultural milenar e do americano do norte com suas solicitações super-produtivas. Ambos exportam suas culturas de modo compulsivo, necessitam mesmo que isso se de, pois o peso das mesmas as faz transbordar compulsivamente. Aqui, subdesenvolvimento social significa culturalmente a procura de uma caracterização nacional, que se traduz de modo especifico nessa primeira premissa, ou seja nessa vontade construtiva. Não que isso aconteça necessariamente a povos subdesenvolvidos, mas seria um caso nosso, particular. A Antropofagia seria a defesa que possuímos contra tal domínio exterior, e a principal arma criativa essa vontade construtiva, o que não impediu de todo uma espécie de colonialismo cultural, que de modo objetivo queremos hoje abolir, absorvendo-o definitivamente numa Super-Antropofagia. Por isto e para isto, surge a primeira necessidade da "nova objetividade" procurar pelas características nossas, latente e de certo modo em desenvolvimento, objetivar um estado criador geral, a que se chamaria de vanguarda brasileira, uma solidificação cultural (mesmo que para isso sejam usados métodos especificamente anticulturais); erguer objetivamente dos esforços criadores individuais, os itens principais desses mesmos esforços, numa tentativa de agrupá-los culturalmente. Nesta tarefa aparece esta vontade construtiva geral como item principal, móvel espiritual dela.

Lygia Clark - Caminhando - 1964

Esse texto faz parte do "Esquema Geral da Nova Objetividade", escrito por Hélio Oiticica, em 1967.

Ficha Técnica

une – presidente: **gustavo petta;** diretor de cultura: **tiago alves: cuca** – coordenação geral: **ana cristina petta;** coordenadores: **ana flávia christpiniano, bárbara campos, luís parras; pia** – coordenação geral: **luís parras;** comunicação: **ana paula vasconcelos;** núcleo de montagem: **cristiano piton, daiane de oliveira, everton marco, ibraim nascimento, liane brück heckert; mark dayves, tiago bugarin;** núcleo teórico: **cristina ribas, marcos martins, neila maciel, priscila lolata;** programador visual: **matheus rocha.**

Caderno do PIA - Programa de Interferência Ambiental. Ano 0, n. 1 (nov 2002). Salvador: UNE/CUCA, 2002 .

A partir do Ano 3, n. 4 (Ago 2005) a edição passa a ser bimensal.

Descrição baseada em: Ano 3, n. 5 (out - nov 2005).

1. Arte Contemporânea - Brasil. I. Programa de Interferência Ambiental. II. União Nacional dos Estudantes. III. Título.

CDU: 7.037:7.072(81)

TIRAGEM: 1.000 exemplares